

NOVOS DADOS SOBRE O POVOAMENTO DA REGIÃO DE ALCALAR (PORTIMÃO) NO IV E III MILÉNIOS A.C.

por

Rui Parreira e Francisco Serpa

Resumo: Entre o Alvor e a Serra de Monchique, no Barlavento do Algarve, os trabalhos de prospecção têm revelado uma intensa ocupação humana entre o IV e os finais do III milénio a.C.

O conjunto habitacional e funerário de Alcalar surge assim, de uma forma mais clara, no seu contexto regional, configurando o centro desse território, em posição de charneira entre a serra e o mar. As pesquisas na necrópole conheceram recentemente um novo incentivo, graças ao projecto de estudo e valorização que ali tem vindo a ser realizado pelo IPPAR. Os trabalhos incidiram principalmente sobre o *tholos* nº 7, motivados pela execução de obras de restauro, permitindo reconhecer a arquitectura e as técnicas construtivas desse monumento, bem como sobre um hipogeu, localizado fortuitamente em Monte Canelas e objecto de um intervenção de salvamento arqueológico.

Avançam-se argumentos que fundamentam uma periodização da necrópole e discutem-se as modalidades de ocupação do espaço e a ritualização da paisagem.

Palavras-chave: Algarve. Neolítico final. Calcolítico.

O QUADRO BIOFÍSICO

O espaço geográfico que se estende para norte da barra do Alvor até às faldas da Serra de Monchique constituiu no IV e III milénios a. C.¹ um território de charneira entre a serra e o mar, propício para a ocupação humana. Desde o século passado que os antigos testemunhos dessa paisagem cultural chamaram a atenção de arqueólogos, como Estácio da Veiga, Santos Rocha ou Leite de Vasconcelos.

Com uma extensão relativamente modesta, este território evidencia unidades de paisagem bem demarcadas, oferecendo assim uma gama ampla de recursos de subsistência — situação comparável a outros territórios da costa meridional e ocidental da Península Ibérica (v. Kunst 1990) mas aqui com a particularidade de uma activa ocupação do litoral, que integrava uma ria propícia à pesca e ao

¹ As datas mencionadas neste trabalho referem-se a valores calibrados.

marisqueio. O interior, uma parcela do Barrocal (Beliz 1986), de subsolos calcários, com nascentes de água potável e sulcado por numerosos cursos de água, possuía solos férteis, apropriados para uma agricultura mista (v. p. ex. Champion *et al.* 1988: 251), baseada nos cereais e na exploração de animais e a que não seria estranho o uso do regadio (v. Schüle 1967; 1980: 32-33). Um revestimento vegetal mais denso que o actual, incluindo bosques, proporcionaria caça abundante. Variadas matérias-primas podiam ser usadas como material de construção (arenitos, calcários, grauvaques, foite, xistos, madeira) e no fabrico de artefactos (sílex, grauvaque rolado e metal, este existente nos pequenos chapéus-de-ferro da faixa xistosa do *hinterland*, minerados para extracção de cobre e prata, e nos leitos das ribeiras, onde terá sido possível a exploração do ouro aluvionar). Os três principais cursos de água — as ribeiras de Arão, Farelo e Torre —, apesar do seu modesto caudal, podem ter servido o transporte de pessoas e mercadorias, em pequenos barcos de fundo chato. Assim, por via marítima e fluvial — incrementando os contactos com o exterior — podiam chegar produtos importados e escoar-se a riqueza extraída do subsolo.

OS LUGARES OCUPADOS NO NEOLÍTICO EVOLUCIONADO E NO CALCOLÍTICO

Para sul do Moinho da Rocha, Veiga (1886; 1887) reportou numerosos achados ocasionais datando do Neolítico e Calcolítico e referenciou no Monte da Rocha (Quinta da Lameira) um monumento megalítico (Veiga 1886: 241-243; 1887: 454; Leisner 1943: 235; Ferreira 1983: 52). Do mesmo período, exploraram-se duas criptas abertas no subsolo calcário, junto à Quinta do Morgado da Torre (Sá 1904: 173 ss.; Berdichewsky 1964: 60-62; Rivero Galán 1988: 93-94), e uma gruta necrópole, no sítio da Mulher Morta (Serro do Algarve) (Veiga 1886: 62-64; Cruz 1901: 99-103). Coevos serão ainda os menires recentemente localizados junto à Cruzinha e Lameira, e também os pequenos povoados abertos (com restos de talhe de sílex e de grauvaque, artefactos de pedra polida e cerâmica) que têm vindo a localizar-se nas margens da ria de Alvor, junto à Mexilhoeira Grande e ao longo dos cursos das ribeiras, parte deles em locais onde já Veiga assinalara achados ocasionais.

Foi no entanto junto à pequena localidade de Alcalar que os arqueólogos localizaram o mais extraordinário conjunto monumental desse território: uma necrópole «megalítica», hoje mundialmente conhecida, explorada desde 1880, em momentos diferentes, por Nunes da Glória, Estácio da Veiga, Pereira Jardim, Santos Rocha e José Formosinho (v. p. ex. Leisner 1943: 235-243; 1959: 262-263; Gonçalves 1989: 38-62).

Só porém mais recentemente se referenciou a povoação antiga correspondente a essa necrópole (Silva e Soares 1976-77; Arnaud e Gamito 1978; Gonçalves 1989: 42). É um povoado de altura, aparentemente fortificado, que, no IV e III milénios a.C., se perfila como «lugar central» deste território, habitado por agricultores, pescadores, pastores, mineiros e metalurgistas. Situado em pleno Barrocal, o povoado foi instalado no limite mais a montante do troço outrora navegável da Ribeira do Farelo, sobre a vasta plataforma de um cabeço destacado, com aptidões de ocupação e defesa. Quase nada se conhece acerca deste povoado para além da sua topografia e das recolhas efectuadas à superfície (Silva e Soares 1976-77; Arnaud e Gamito 1978), dado que as sondagens ali realizadas por Arnaud e Gamito nos finais dos anos Setenta não foram ainda publicadas. Mas a extensão da área ocupada, cerca de 10 ha, excepcional para um povoado calcolítico (Silva 1993: 219), e a circunstância de ter podido dispor de um porto interior servido por uma via fluvial, sublinham, só por si, o excepcional significado deste sítio, a que acresce a proximidade e óbvia relação directa com a necrópole envolvente.

A NECRÓPOLE DE ALCALAR: TOPOGRAFIA E LOCALIZAÇÃO DOS MONUMENTOS

Nos campos imediatamente em redor deste povoado foi sendo edificada uma necrópole megalítica concentrada, com cerca de dúzia e meia de sepulcros já conhecidos. Alguns deles foram explorados — por Nunes da Glória (1 e 10), Estácio da Veiga (2-7), Pereira Jardim (8 e 9), Santos Rocha (Monte Velho 1-3) e Formosinho (11 a 13). O agrupamento sistemático dos monumentos funerários nas plataformas elevadas de pequenos cabeços, sobretudo na paisagem virada à Serra de Monchique, parece dever-se a uma estratégia de organização espacial decorrente, em última análise, dos condicionalismos económicos. Ao «ritualizar» o coração do território cujos recursos o povoado centralizava (contra Gonçalves 1989: 38), o «campo mortuário» introduzia uma dicotomia sagrado/profano relativamente a quem se aproximava do povoado, vindo do exterior e, sobretudo, *sendo* do exterior. O espaço adquiria um significado social, funcionando, no plano simbólico, como demarcação e defesa eficaz relativamente a estranhos (v. p. ex. Hodder 1988).

Edificados em vários agrupamentos, conhecem-se já os núcleos sepulcrais de Vidigal Velho (= Alcalar 12 e 16), Alcalar W, Alcalar Centro, Alcalar E, Monte Velho e Poio (= Alcalar 17 e 18).

CONSTRUÇÃO SEPULCRAL E DINÂMICA DE USO DO ESPAÇO FUNERÁRIO

Se seguirmos uma ideia de Bradley retomada por Vaquero Lastres (1990: 162), constata-se uma tal vinculação dos monumentos aos outeiros que cercam o povoado central, que se infere ter sido esse o factor topográfico decisivo que terá levado a comunidade à edificação de um primeiro monumento, valorizando culturalmente um espaço naturalmente destacado. Dentro de alguns agrupamentos de sepulcros, vislumbra-se uma dimensão temporal, com organização do espaço a partir de um túmulo central, que ocupa o «centro preferencial» da elevação. A existência desse monumento inicial, «inventando a tradição» (v. Vaquero Lastres 1990: 162, nota 14) e estabelecendo uma zona funerária dentro de um espaço com condições «naturais» de implantação, terá actuado como factor importante da localização dos túmulos posteriores.

A fase antiga - o monumento 1 de Alcalar e o hipogeu de Monte Canelas

É o que sucede com o sepulcro Alcalar 1 — uma anta de corredor longo (só parcialmente escavado, contrariamente ao que sugerem os levantamentos publicados por Veiga), com um espólio funerário que inclui ídolos-placas de ardósia. O monumento ocupa o ponto mais elevado de um cabeço e a sua arquitectura e espólio parecem evidenciar uma fase, datável no Neolítico final, em que a necrópole tinha um carácter mais disperso, talvez correspondendo aos diferentes pequenos povoados já detectados na zona.

Em nossa opinião, terá sido também nessa fase que — a cerca de 700 m para norte — se abriu na rocha, usou e selou o hipogeu de Monte Canelas, um topónimo já conhecido na bibliografia arqueológica (Veiga 1886: 240-241; 1887: 329; Leisner 1943: 243).

Enquanto noutras regiões do Sudoeste peninsular os poucos casos conhecidos de registos satisfatórios para contextos funerários do Neolítico final/Calcolítico nos obrigam a partir da distribuição microespacial dos artefactos e da sua associação relativa para inferir o modo de deposição, no Barrocal algarvio os solos calcários permitiram a conservação dos restos antropológicos em condições de podermos estudar satisfatoriamente a dinâmica de uso das criptas funerárias. Na necrópole de Alcalar, face aos registos antigos pouco minuciosos, era forçoso procurar estudar um sepulcro inviolado, identificando assim o modo de deposição dos corpos, os rituais funerários subseqüentes e os processos pós-deposicionais, detectando a eventual manipulação e redeposição de restos humanos e de artefactos.

As escavações de salvamento efectuadas em Monte Canelas pelo IPPAR e pelo Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra, em colaboração com o Museu de Portimão, permitiram registar e documentar um hipogeu aberto no subsolo calcário, com duas criptas sepulcrais possuindo elevação em abóbada. A cripta norte comunica para o exterior — sensivelmente virado a Norte, à serra de Monchique — através de uma passagem em rampa e alarga-se em semicírculo para sueste sob a parede rochosa, apresentando planta subrectangular; imediatamente a sul dessa cripta abre-se uma outra, de menor área, que comunica com a cripta norte através de uma passagem estreita e tem planta aproximadamente em forma de óvulo alargado, achatada do lado da passagem; ambas as criptas se encontravam já destruídas do lado ocidental, devido à abertura de um arruamento, mas a cripta sul conservou, aparentemente, mais de metade da área original — se for tomado como eixo de simetria o seu diâmetro longitudinal. Se bem que em nenhuma das criptas se tenha preservado a totalidade da parte superior, o arranque abobadado atingia na cripta sul cerca de 1,70m de altura e, nos níveis de escombros acumulados no seu interior, registou-se uma grande lage sub-paralelepípedica de grés vermelho, que interpretamos como lage de cobertura de uma clarabóia outrora existente no topo. Em escavação, registou-se uma sequência estratigráfica que incluía dois níveis de ocupação funerária, compreendendo diversos horizontes e contextos, correspondentes à deposição de mais de setenta indivíduos. O estudo antropológico, em curso, a cargo de Ana M^a. Silva, do Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra, visa, nomeadamente, a análise métrica dos esqueletos, a determinação da idade à morte, a diagnose sexual, a morfologia e a identificação dos processos patológicos. Parece-nos ainda extemporâneo — e enquanto a valorização dos dados empíricos não for concluída — discutir as recolhas efectuadas em Monte Canelas em termos de uma cronologia relativa fina. A escavação evidenciou, no nível de base, cerca de uma dezena de deposições fúnebres primárias, com os cadáveres deitados lateralmente em posição fetal. Junto a cada uma das deposições conservadas *in situ*, documentou-se sempre um atributo (machado ou enxó, aos pés, lâmina de sílex, junto ao crânio — sugerindo esta a presença de um instrumento cortante com cabo longo), podendo ocorrer também, junto ao crânio, adornos, colares e alfinetes de cabeça postiça (lisa ou estriada), e ídolos-placa de ardósia. Em áreas periféricas do nível sepulcral inferior — junto à parede rochosa das criptas —, nos horizontes superiores desse mesmo nível e no nível sepulcral superior da cripta norte, documentou-se a constituição de ossários, ou seja, deposições secundárias de restos humanos, por vezes acompanhados de depósitos de objectos. Os ossários do nível inferior interpretam-se como resultado da arrumação periódica das ossadas, a fim de ganhar lugar para novas deposições. Para os ossários estratigraficamente mais recentes, não conectáveis com a instalação de novas sepulturas, admitimos que sejam o resul-

tado da manipulação das ossadas de indivíduos, sepultados não necessariamente neste local, testemunhando a última fase de «rituais de antepassados» mais complexos e que teriam um significado social específico (v. p. ex. Guiart, org. 1979; v. Vilaça 1990: 110). O espólio funerário acompanhava, em ambos os casos, a transladação dos restos ósseos, constituindo-se depósitos de artefactos, apartados e reagrupados em áreas periféricas. Ocorrem elementos do traje (alfinetes de osso, contas de colar discoidais e bitroncocónicas), furadores de osso, lâminas com e sem retoque, geométricos (mais abundantes no nível da base da cripta norte) e pontas de seta de base côncava em sflex, machados e enxós de rocha metamórfica exógena (de litologia variada mas com predominância do anfibólito), ídolos-placa de ardósia. A distribuição dos alfinetes e dos furadores de osso sugerem, por vezes, a presença de mortalhas, quer a envolver os cadáveres (veja-se o exemplo dos Mournouards II: v. Leroi-Gourhan *et al.* 1962), quer a envolver os depósitos de artefactos apartados na periferia das criptas. É significativa a quase total ausência de cerâmica, se exceptuarmos um único vaso hemisférico e escassos fragmentos, evidência que terá, quer um significado ritual, quer um significado prático, rentabilizando o espaço disponível.

Estas formas de sepultamento têm paralelos noutros lugares do Sul e Oeste peninsulares (v. p. ex. Serrão e Marques 1971; Zilhão 1984; Leitão *et al.* 1987; Oosterbeeck 1988; Vilaça 1990; Cardoso 1992; Araújo *et al.* 1993), e o mesmo se dirá da arquitectura das criptas funerárias (v. p. ex. Rivero Galán 1988; Gonçalves 1993: 254-257; 1992-94). Enquanto se aguardam as datas de radiocarbono de amostras de ossos humanos recolhidos em Monte Canelas, correspondentes a deposições primárias e a restos em conexão anatómica, dispomos já de um dado cronométrico ^{14}C para o topo do nível funerário inferior do hipogeu (unidade de recolha nº 264), obtido sobre uma amostra de madeira carbonizada (restos de uma provável tocha de iluminação dos frequentadores da cripta): ICEN-1149 4460 ± 110 BP, a qual, calibrada usando a curva de Stuiver e Pearson (v. Stuiver *et al.* 1993), fornece 3346-2919 cal BC para 1 sigma e 3499-3454 cal BC, 3379-2881 cal BC para 2 sigma. Datando, em termos relativos, a interrupção do enchimento das criptas, os únicos elementos indubitavelmente calcolíticos recolhidos são os cacos de um recipiente com decoração simbólica e provêm dos níveis de derrube/abandono, podendo corresponder a uma ocupação posterior do cabeço eventualmente relacionável com «rituais de antepassados» (v. Barrett *et al.*: 120-138) que ocorriam no espaço exterior. Situamos, assim, cronologicamente o hipogeu de Monte Canelas, bem como o sepulcro 1 de Alcalá, numa fase terminal do Neolítico, talvez correspondendo aos diferentes pequenos povoados, já detectados nesta área. Só numa fase posterior, plenamente calcolítica, com o desenvolvimento do povoado central, a necrópole se terá adensado, organizada em agrupamentos localizados sobre os pequenos outeiros existentes num raio de cerca de 0,5 km. Ela compre-

ende monumentos de apurada técnica construtiva, com uma complexa segmentação do espaço interno.

Mencionem-se alguns exemplos.

○ agrupamento central

No núcleo que designamos por Alcalar Centro, edificado junto ao, mais antigo, túmulo 1, o sepulcro Alcalar 3 (Veiga 1889: 1157-1183) apresenta-se exteriormente como uma mamoa com cerca de 20 m de diâmetro, cujo 'cairn' de pedras calcárias encerra um *tholos* de base ortostática, com átrio, uma longa galeria — subdividida em três secções por jambas com lajes-portas amovíveis — e uma cripta circular provida de nicho lateral. Diferenciado do espaço da cripta, esse nicho lateral continha (v. Id., *ibid.*: 169) um indivíduo inumado, provavelmente do sexo masculino («crânio incompleto» e «ossos em grande parte quebrados» mas «mostrando [...] ter pertencido a um indivíduo de estatura regular e de robusta musculação»), acompanhado por mais de duas dezenas de artefactos: sete facas de sílex (Id., *ibid.*: est. VIII), algumas com remontagem, indício de terem sido propositadamente talhadas para a oferenda funerária, uma banda de cobre forjada, «enfeite» ou «insígnia» seg. Veiga (*ibid.*: 176, est. IX, C" e est. IXa), com 2,6 x 75,0 cm, com espigões terminais para fixação, e toda uma panóplia de artefactos de cobre: duas facas com entalhes laterais para fixação ao cabo (Veiga 1889: est. IX, D), cinco adagas (Id., *ibid.*: est. IX, E), duas placas de uso indeterminado (Id., *ibid.*: est. IX, G), um escopro (Id., *ibid.*: est. IX, H), dois «formões» — provavelmente instrumentos para trabalhar madeira ou couro — (Id., *ibid.*: 180-181, est. IX, J e L), uma enxó (Id., *ibid.*: est. IX, K) e, finalmente, dois punções (Id., *ibid.*: est. IX, M). Parece incontroverso que esta excepcional inumação tenha pertencido a um indivíduo com uma posição de destaque na hierarquia da comunidade, tendo aqui os artefactos de cobre a função de bens de prestígio (Gonçalves 1989: 62).

Integrado no mesmo núcleo, o sepulcro Alcalar 4 é uma mamoa com cerca de 20 m de diâmetro, cujo 'cairn' de pedras calcárias encerra um *tholos* com átrio separado do corredor por um par de menires decorados colocados lateralmente (provável reintegração de pré-existências), corredor ortostático subdividido em duas secções (um tramo alongado e uma antecâmara da cripta), e cripta inteiramente em alvenaria de lajes de xisto e de arenito, encurvando em falsa cúpula e provida de dois nichos laterais. Os restos humanos, os ossos de animais e conchas e o espólio, relativamente escasso, foram encontrados pelo escavador «na mais completa desordem», em consequência das violações de que o monumento fora alvo pelo menos na época romana (Veiga 1889: 187), incursão esta corresponden-

te a uma sepultura, achada já destruída, aberta transversalmente sobre o topo da antecâmara, com fragmentos de urna de vidro incolor, uma pequena conta de vidro azul e uma moeda provavelmente de Cláudio (Veiga 1889: 222. Santos 1972: 15. Alarcão 1988: nº 7/99). Para além dos objectos em que as duas lâminas de revestimento de ouro aqui recolhidas terão sido aplicadas, o aparecimento de artefactos de marfim sugere a deposição no túmulo de indivíduos com um elevado estatuto social. A presença no espólio de uma ponta do tipo Palmela (Veiga 1889: est. IX, B) não permite a atribuição de uma cronologia precisa, autorizando também uma datação destas aplicações áureas numa fase adiantada do Calcolítico.

Pertencem ainda a este núcleo os sepulcros 2, 5, 6 e 10, documentados na bibliografia. O primeiro, de que é actualmente visível a mamoa com as depressões correspondentes à cripta e corredor, localiza-se dentro da área vedada propriedade do Estado Português, não se tendo ainda procedido a sondagens para diagnóstico do seu estado de conservação. Os restantes estão aparentemente destruídos.

O agrupamento ocidental

O agrupamento Alcalar W compreende um total de cinco sepulcros até agora localizados, cuja dispersão na paisagem pode indiciar mais do que um único núcleo. O sepulcro Alcalar 11, cuja cripta e corredor foram explorados por Formosinho, vem sendo objecto de pesquisas (ainda em curso, efectuadas na sequência de danos parciais motivados pela instalação de uma central de distribuição de águas) que evidenciaram uma mamoa com mais de 15m de diâmetro e que encerrava um *tholos* com base ortostática de lajes de arenito vermelho de Silves, com câmara subcircular, corredor estreito e átrio.

O agrupamento oriental

Ocupando o «centro preferencial» do outeiro onde se implantou o agrupamento Alcalar E, o sepulcro Alcalar 7 está em curso de reescavação para conservação e restauro da estrutura arquitectónica, trabalho que, entre 1988 e 1990, contou com a colaboração de Carlos Beloto, do Museu de Conimbriga. O monumento é composto por um 'cairn' que envolve um *tholos*, integrando um átrio com menir; selado por uma «estrutura de condenação» que cobria a boca exterior do corredor, o sepulcro foi espoliado e «restaurado» em época antiga, presumivelmente ainda no Calcolítico. A estrutura da cripta sepulcral revelou-se como um maciço de lajes de xisto — imbricadas, colocadas em fiadas na horizontal e ligadas por barro amassado —, ao contrário da parede de 1,5m de espessura

que se pensara existir perante os desenhos de Estácio da Veiga e os dados da decapagem inicial; esse maciço foi levantado sobre uma escavação artificial na rocha de base e o fundo da câmara que ele define foi então revestido por um lajeado de calcários; na estrutura do maciço se inserem as soleiras e os lintéis dos nichos laterais e do corredor, que possuem jambas de alvenaria de xisto; na área até agora investigada em profundidade (cerca de 17m²) esse maciço apresenta-se pelo exterior em degraus que correspondem às diferentes fiadas de lajes, alargando portanto em tronco de cone para a base da construção. Esta estrutura é recoberta por um estrato de pedras calcárias, de dimensões irregulares e colocadas sem terra de embalagem; é este estrato que forma a mamoa propriamente dita, um 'cairn'; este é travado por uma estrutura intermédia de reforço que apresenta a forma de um anel de pequenos blocos calcários, observável apenas na parte superior do 'cairn', a cerca de 1m de distância do degrau conservado a maior altura na estrutura de xisto da câmara sepulcral e a uma cota idêntica à deste. No limite oeste da sanja ocidental e à entrada do corredor, observou-se o anel exterior de travamento da mamoa sob a forma de uma fiada dupla de grandes blocos calcários, preenchida por pedra calcária mais miúda. Para reconstruir o nicho lateral norte, levando o lintel de cobertura à posição original e compensando o desnível criado pela destruição parcial da soleira, foi necessário aprofundar a escavação na própria estrutura da câmara sepulcral, desmontando as lajes de xisto que o sobrepõem; esta escavação permitiu pôr à vista e observar por cima o lintel de cobertura do nicho — trata-se de um bloco achatado, talhado em arenito. Na sanja ocidental alcançou-se o topo conservado da estrutura da câmara e aprofundou-se numa área de cerca de 1m de largura, correspondente a uma antiga violação do monumento, no sentido oeste-este, que é cortada pelo perfil colocado em y=80,1; esta anomalia fora já suspeitada por Estácio da Veiga e pôde agora confirmar-se, descobrindo-se também que o monumento tinha sido restaurado de antigo, seguramente em época pré-histórica, repondo a aparência original da face interior do muro da câmara mas empregando uma técnica de construção mais expedita, com um murete substancialmente mais estreito, reforçado pelo exterior por uma mistura amassada de barro e pedras calcárias subroladas.

O sepulcro Alcalar 9, explorado por Pereira Jardim, conserva ainda a mamoa — de que efectuámos já o levantamento topográfico — mas a enorme cratera aberta ao centro não oferece à vista quaisquer vestígios da estrutura da cripta que, segundo Rocha (1904: 45-50), era integralmente construída em falsa cúpula. A depressão virada a leste corresponde a um corredor curto, ainda com algumas lajes deslocadas que deverão ter pertencido à estrutura.

ARQUITECTURA E RITUALIZAÇÃO DA PAISAGEM

Contíguo a um vasto povoado e mostrando uma notável concentração de monumentos com arquitecturas distintas numa mesma necrópole, o conjunto funerário de Alcalar sobressai também pela riqueza e diversidade dos espólios e pela segmentação do espaço interior dos sepulcros.

Julgamos poder confirmar o faseamento da necrópole que diversos autores têm assinalado. Uma anta e uma gruta artificial correspondem ao período mais antigo, do Neolítico final, atribuível em termos cronométricos à segunda metade do IV milénio a.C. Os *tholoi* — que Santos Rocha (1904: 39-40), baseado em Veiga (1889: 243-244), sistematizou em três categorias morfológicas — correspondem ao período mais recente, do Calcolítico pleno, atribuível em termos cronométricos ao III milénio a.C. E no entanto, estas escalas temporais — que muitas vezes procuramos aplicar para classificar e dividir cronologicamente necrópoles de uso dilatado — reflectem uma incapacidade para nos libertarmos de uma visão «abstracta» do tempo, muito diferente da visão «substancial» das comunidades pré-históricas, que se submetiam a si próprias à passagem de um tempo marcado pela experiência humana, em que as pessoas vivem em relação com o passado e compreendem o seu mundo com referência à tradição (Bradley 1991: 210). É justamente porque são rituais, que as práticas megalíticas de integração dos mortos nas sociedade dos vivos (Jorge 1990: 211-240) não estão sujeitas à escala cronométrica dos actos quotidianos. A construção sucessiva de monumentos em necrópoles integradas numa paisagem cultural, tal como a monumentalização noutros conjuntos megalíticos (v. Jorge 1986; Mohen 1989: 94-126), reflecte exactamente esse contraste entre um tempo quotidiano e um tempo que adquiriu uma dimensão ritual e simbólica.

Propendemos assim a considerar a necrópole de Alcalar, com os seus núcleos tomados em conjunto, como um lugar antropológico (na definição de Augé 1994: 49-80, espec. 58; v. Hodder 1988: 14), prescindindo de uma cronologia fina — o que nos parece legitimado pela evidência de uma longa duração da necrópole, reflectindo o uso simultâneo de todos os monumentos num sistema coerente de ritualização da paisagem.

Tal não significa, porém, que tenha necessariamente existido uma prolongada continuidade no uso de cada um dos monumentos: ela não era sequer condição indispensável para que os monumentos continuassem a «funcionar» no conjunto da necrópole, uma vez que a existência deles e o seu papel ritual na paisagem não podiam passar despercebidos aos frequentadores da necrópole. Como fez notar p. ex. Vaquero Lastres (1990: 157) «um túmulo é sempre visível na medida em que é uma *modificação cultural da natureza*, uma alteração levada a cabo com a intenção de ser reconhecida enquanto tal, independentemente do facto de, com o

passar do tempo, ser susceptível de diversas interpretações e de ser vista por um número maior ou menor de olhos».

Nesta medida, porém, o ritual obedecia a esquemas fixos, mantidos numa longa duração, com uma vertente não revelada, ocultada nas trevas das criptas de modo a proteger o respectivo conteúdo de qualquer avaliação ou mudança (Bradley 1991). As crenças básicas da comunidade estavam além da escala temporal quotidiana e por isso não podiam nem deviam ser facilmente mudadas. Neste sentido, o ritual manteve a ordem social, fazendo-a parecer uma parte da ordem natural, i.e., intemporal. E, no entanto, o ritual podia ser manipulado pelos anciãos, depositários dos saberes tradicionais. De tal modo que as mudanças nas práticas rituais seriam tanto mais efectivas quanto mantivessem a aparência de uma estabilidade na longa duração (Bradley 1991: 211). É neste contexto simbólico específico que alguns rituais da fase mais evolucionada da necrópole de Alcalar evocam a emergência de lideranças personalizadas (v. Jorge 1990: 174). A existência de espaços funerários diferenciados dentro de criptas concebidas para uso colectivo, o uso de artefactos de excepção — instrumentos e insígnias de marfim, de cobre e de metais preciosos — fizeram parte de uma estratégia de construção do prestígio pessoal e são conotados com o exercício e a exibição do poder por parte de alguns indivíduos. Seguramente elites locais, cuja qualidade das condições de vida deveria ser superior à da restante população (Gonçalves 1989: 62).

ALCALAR NO NEOLÍTICO EVOLUCIONADO E CALCOLÍTICO DO BARLAVENTO ALGARVIO

Num âmbito regional, a compreensão adequada de Alcalar passa por uma reavaliação de um conjunto de lugares do Barlavento algarvio atribuíveis ao Neolítico evolucionado (no sentido de Gonçalves 1989: 38) e ao Calcolítico, problemática que tem sido abordada em ensaios recentes (Gonçalves 1989: 73ss.; Gomes e Silva 1987: 17-20). A uma escassez de sepulcros — para além dos repertoriados por Veiga (1886; 1887; 1889) e do conjunto de Monchique (v. p. ex. Gonçalves 1989: 62-68, 73-77) refiram-se ainda um 'dolmen' na Pedra Escorregadia (Vila do Bispo) e um hipogeu em Enxerim (Silves) (localizados e parcialmente explorados por M. Varela Gomes, a quem agradecemos a informação) — corresponde uma relativa profusão de menires e um quase total desconhecimento dos povoados. Ainda assim, fica a imagem de uma diversidade de contextos que tem seguramente mais a ver com tradições diferenciadas do que com etapas cronológicas (neste sentido v. Gonçalves 1989: 77). E assim, enquanto a pesquisa não incidir sistematicamente em regiões circunscritas (no sentido de

uma *middle range research* — Binford 1964), muito se poderá especular acerca do significado das diferenças.

ALCALAR E AS COMUNIDADES COEVAS DO SUL E OESTE DA PENÍNSULA IBÉRICA

A evidência arqueológica mostra que, entre o IV e o II milénio a. C., a Serra algarvia e os campos xistosos do Sul do Baixo Alentejo foram regiões frequentadas por grupos de pastores e agricultores, familiarizados com a prática de mineração dos chapéus-de-ferro e conhecedores dos processos da metalurgia primitiva (para uma abordagem histórica na longa duração v. Torres 1992). A exploração dos recursos metálicos da Serra terá sido seguramente sazonal, em regra, como actividade de complemento económico de comunidades essencialmente pastoris e agrícolas, que habitavam aquilo que Gonçalves (1989) chamou de «quintas fortificadas»: nessa altura, os mercados não podem suportar, ainda, povoados mineiros permanentes (Pérez Macías e Rego 1994).

Os lugares para onde se canalizava o produto minerado, porém, detinham uma posição privilegiada de acesso ao mar e dominavam os corredores de acesso ao *hinterland* — assumindo, por isso, um carácter mais «comercial» e «urbano» e neles se detectando um processo de intensificação económica que desenvolveria, a prazo, mecanismos de poder, relacionados com o estabelecimento de verdadeiras «rotas» do metal e com o progresso de sistemas de troca entre elites locais, que incluíam a manipulação de artefactos de prestígio. Em nossa opinião, Alcalar corresponde a este modelo de lugar habitado, desempenhando funções «centrais» na região em que se insere.

Em contacto com o mundo mediterrânico através destes «lugares centrais», todas essas comunidades onde a metalurgia surge integrada no quotidiano usaram uma arquitectura funerária de inspiração mediterrânica, com criptas subterrâneas de planta tendencialmente circular, servidas por uma estreita galeria alongada. Se questionarmos a influência dessas comunidades, na maneira como os seus modelos do espaço funerário se podem ter incorporado nos rituais «megalíticos» dos pastores e agricultores coevos do Alentejo Central, do Norte Alentejano e da Beira (v. p. ex. Savory 1968; 1977) só poderemos obter uma resposta especulativa. Mas que um «arquétipo» do espaço funerário colectivo — a cripta mais ou menos circular, servida por uma galeria de acesso dificultado — possa ter antecedentes na arquitectura doméstica mediterrânica e relacionar-se com a mais antiga arquitectura funerária atlântica, não é contraditório com as datas ^{14}C e TL com que actualmente podemos trabalhar: como dizia Snodgrass (1976: 60), «*radiocarbon dates are, after all, extremely imprecise things (as would be more apparent if we*

stated them in terms of two standard deviations instead of one); and calibration, besides its other effects, serves to widen their margin of uncertainty».

Nos seus escritos, os Leisner privilegiaram uma «interpretação étnica» — confrontando-a com o «evolucionismo» ou os «círculos culturais» — e colocaram quase sempre os mineiros e metalurgistas em contraste com os pastores-agricultores. Hoje, no registo arqueológico do Sudoeste peninsular, parece nítida uma diferença entre aquelas comunidades para quem a Etnoarqueologia imagina uma organização social mais complexa, com os seus povoados de acentuado sabor mediterrânico e as suas necrópoles concentradas, e as outras comunidades, mais atlânticas, que usaram recintos de fosso e paliçada e necrópoles megalíticas dispersas. Na abordagem desse «caldo de culturas» que foram o IV e o III milénios a.C., e ao utilizarmos aparelhos conceptuais que os Leisner não tinham evidentemente ao dispor, convém não esquecer como toda a zona mineira do Sul funcionou, durante milhares de anos, como *hinterland* possuidor de uma forte personalidade cultural, em contraste com os grupos mais aculturados do litoral e dos portos fluviais — e como as diferentes bases económicas podem ter determinado estratégias diferentes na construção do prestígio pessoal das élites locais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, A. C. et al. [SANTOS, A.I.; CAUWE, N.], (1993) Gruta do Escoural — A necrópole neolítica. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 33 (3-4), p. 51-90.
- ARNAUD, J. M. & GAMITO, T. J., (1978) Povoado calcolítico de Alcalar: Notícia da sua identificação, *Anais do Município de Faro*, Faro, VIII, p. 275-284.
- BARRETT, J.C. et al. [BRADLEY, R.; GREEN, M.], (1991) *Landscape, monuments and society: The prehistory of Cranborne Chase*. Cambridge: University Press.
- BELIZ, J. Malato, (1986) *O Barrocal Algarvio: Flora e vegetação da Amendoeira (Loulé)* [= Parques Naturais, 17]. Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza.
- BERDICHEWSKY SCHER, B., (1964) *Los enterramientos en cuevas artificiales del Bronce I Hispanico* [= Biblioteca Praehistorica Hispana, 6].
- BINFORD, L., (1964) A consideration of archaeological research design. *American Antiquity*, 29, p. 425-441.
- BRADLEY, R. (1991) Ritual, time and history. *World Archaeology*, London, 23/2, p. 209-219.
- CARDOSO, J. L. (1992) A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*, Setúbal, 9-10, p. 89-225.
- CHAMPION, T. et al. [GAMBLE, C.; SHENNAN, S.; WHITTLE, A.], (1988) *Prehistoria de Europa*. Barcelona: Ed. Crítica.
- CRUZ, P. Belchior da, (1901) Explorações da Sociedade Archeologica da Figueira, *O Archeologo Português*, Lisboa, VI, p. 99-103.
- FERREIRA, O. da Veiga, (1983) Arqueologia. *Carta Geológica de Portugal, Notícia Explicativa da Folha 52-A, Portimão*. Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.

- GONÇALVES, V. S. (1989) *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental: Uma aproximação integrada*. Lisboa, Uniarq (Centro de Arqueologia e História/INIC) [= Estudos e Memórias, 2].
- GONÇALVES, V.S., (1993) As práticas funerárias nas sociedades do 4º e do 3º milénios. O Megalitismo. In *História de Portugal* (Medina, J., org.), 1. Lisboa, Ediclube.
- (1993) Alcalar. In *História de Portugal* (Medina, J., org.), 1. Lisboa, Ediclube.
- (1992-94) Sítios, horizontes e artefactos. 3. A questão das grutas artificiais e os complexos funerários de Alapraia e S. Pedro do Estoril no processo de calcolitização do Centro/Sul de Portugal. *Arquivo de Cascais*, Cascais, 11, p. 31-94.
- GUIART, J., org., (1979) *Les Hommes et la Mort: Rituels funéraires a travers le Monde* [= Objets et Mondes, 19]. Paris, le Sycomore/Museum National d'Histoire Naturelle
- HODDER, I. (1988) From space to place: current trends in spatial archaeology. *Arqueologia Espacial*, Teruel, 12, p. 9-15.
- JORGE, V.O. (1986) "Monumentalização" e «necropolização» no Megalitismo europeu. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 26, 233-237. 1990 *Arqueologia em Construção — Ensaio* [= Biblioteca de Textos Universitários, 118]. Lisboa, Presença.
- KUNST, M. (1990) Sizandro and Guadiana Rivers: A comparison as example of the interdependence between the development of settlement and the natural environment, in *Arqueologia Hoje*, I, Etno-Arqueologia (Gamito, T.J., org.), Faro, Universidade do Algarve.
- LEISNER, G. & V. (1943) *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Süden*, 1 [= Römisch-Germanische Forschungen, 17]. Berlin: de Gruyter.
- (1959) *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Westen*, 2 [= Madrider Forschungen, 1/2]. Berlin: de Gruyter.
- LEITÃO, M. et al. [NORTH, C.T.; NORTON, J.; FERREIRA, O. da Veiga; ZBYSZEWSKI, G.] (1987) A fruta pré-histórica do Lugar do Canto, Valverde (Alcanede). *O Arqueólogo Português*, Lisboa, Série IV, 5, p. 37-65.
- LEROI-GOURHAN, A. et al. [BAILLOUD, G.; BREZILLON, M.] (1962) L'hypogée II des Mournouards (Mesnil-sur-Oger, Marne). *Gallia Préhistoire*, 5, 23-133.
- MOHEN, J.-P. (1989) *Le Monde des Mégalithes* [= Coll. Archives du Temps]. Tournai: Casterman.
- OOSTERBEEK, L. (1988) *Neolitização da Região de Tomar*. Tomar, ESTT.
- PÉREZ MACÍAS, J.A. & REGO, M.L.V. (1994) Um povoado calcolítico perto de Mértola. In *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana*, Huelva, p. 149-164.
- RIVERO GALÁN, E. (1988) *Análisis de las Cuevas Artificiales en Andalucía y Portugal*. Sevilla, Colegio Universitario de La Rábida.
- ROCHA, A. dos Santos (1904) Dolmens de Alcalar, *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*, Figueira da Foz, 2, p. 39-50.
- SÁ, B. de (1904) *O Archeologo Português*, 173 ss.
- SAVORY, H.N. (1968) *Spain and Portugal, the Prehistory of the Iberian Peninsula*, Londres, Thames and Hudson.
- (1977) The role of Iberian communal tombs in Mediterranean and Atlantic Prehistory. In *Ancient Europe and the Mediterranean* [= Festschrift Hugh Hencken] (Markotic, V., org.). Warminster: Aris & Phillips, p. 161-180.
- SCHÜLE, W. (1967) Feldbewässerung in Alt-Europa. *Madrider Mitteilungen*, Heidelberg, 8, p. 79-99.
- (1980) *Orce und Galera, I: Zwei Siedlungen aus dem 3. bis 1. Jahrtausend v. Chr. im Südosten der Iberischen Halbinsel. Übersicht über die Ausgrabungen 1962-1970*,

Mainz: Philipp von Zabern.

- SERRÃO, E.C. e MARQUES, G. (1971) Estrato pré-campaniforme da Lapa do Fumo (Sesimbra). In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970). Coimbra, JNE.
- SILVA, C. Tavares da (1993) Calcolítico. In *Pré-História de Portugal* (Silva, A.C. da, org.), Lisboa: Universidade Aberta, p. 195-233.
- SILVA, C. Tavares da & SOARES, J. (1976-77) Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve, *Setúbal Arqueológica*, Setúbal, 2-3, p. 179-272.
- SNODGRASS, A.M. (1976) Conserving societies and independent development. In *To illustrate the monuments: Essays on archaeology presented to Stuart Piggott on the occasion of his sixty-fifth birthday* (Megaw, J.V.S., org.) [= Festschrift Piggott]. London: Thames & Hudson, p. 57-62.
- SOARES, A.M. e CABRAL, J.M.P. (1993) Cronologia absoluta para o Calcolítico da Estremadura e do Sul de Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 33 (3--4), p. 217-235
- TORRES, C. (1992) Povoamento antigo no Baixo Alentejo: Alguns problemas de topografia histórica. *Arqueologia Medieval*, Mértola, 1, 189-202.
- VAQUERO LASTRES, J. L. (1990) Rios y Tumbas: Sobre el emplazamiento de túmulos en el NW peninsular. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Porto, 30, p. 151--175.
- VEIGA, S. P. M. Estácio da (1886) *Antiguidades Monumentais do Algarve*, I. Lisboa, Imprensa Nacional.
- (1887) *Antiguidades Monumentais do Algarve*, II. Lisboa, Imprensa Nacional.
- (1889) *Antiguidades Monumentais do Algarve*, III. Lisboa, Imprensa Nacional.
- VILAÇA, R. (1990) Sondagem arqueológica no Covão d'Almeida (Eira Pedrinha, Condeixa-a-Nova). *Antropologia Portuguesa*, Coimbra, 8, p. 101-131
- ZILHÃO, J. (1984) *A Gruta da Feteira (Lourinhã): Escavação de salvamento de uma necrópole neolítica* [= *Trabalhos de Arqueologia*, 1]. Lisboa, IPPC.

Est. I

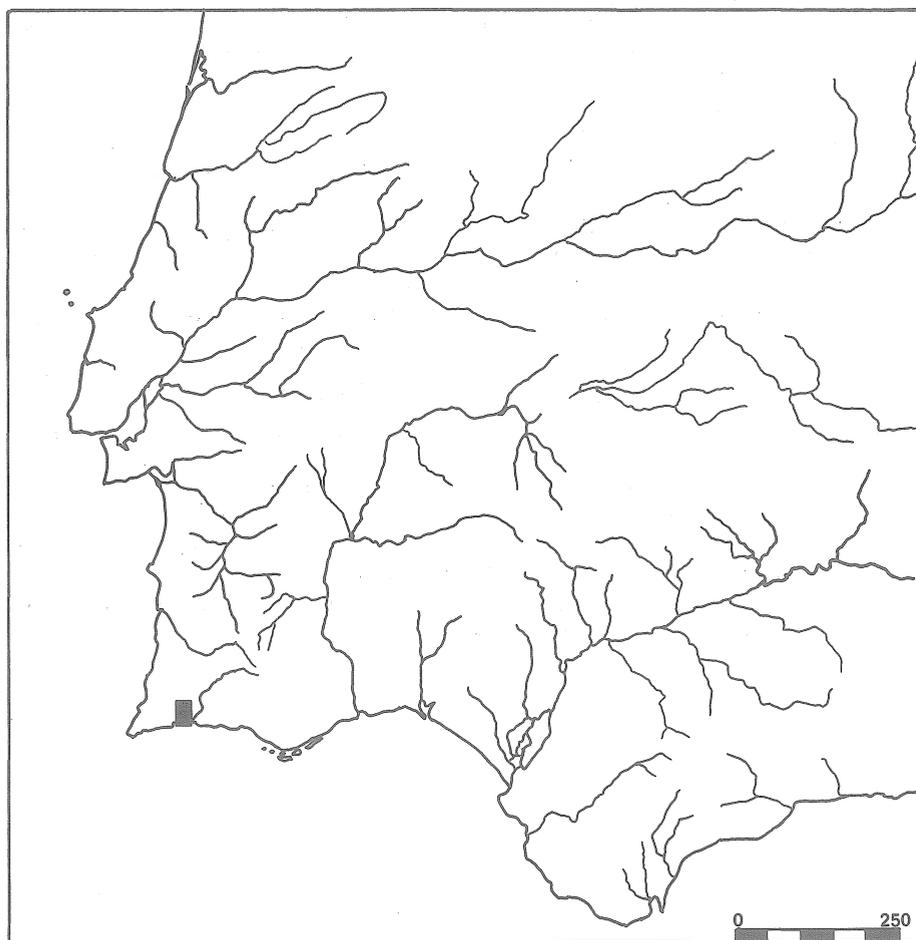


Fig. 1 — Localização da área em estudo no Sudoeste da Península Ibérica.

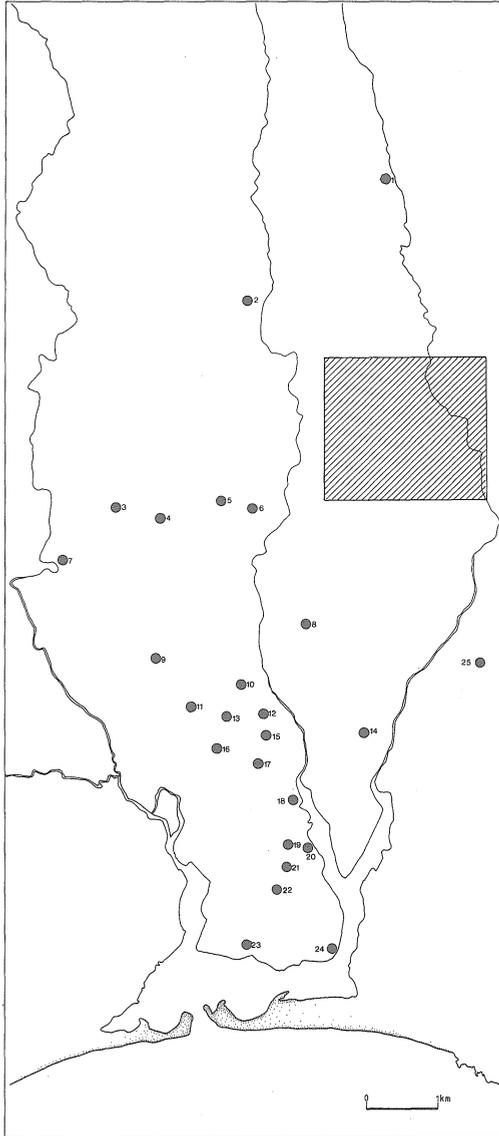


Fig. 2 — Sítios do Neolítico e Calcolítico entre a Ribeira de Airão e a Ribeira da Torre: 1. Moinho da Rocha (necrópole); 2. Descampadinho (povoado); 3. Olhitos 1 (povoado); 4. Olhitos 2 (povoado); 5. Algueirão da Mulher Morta (Serro do Algarve, gruta-necrópole); 6. Mulher Morta (achado ocasional); 7. Pedra Ruivas (menir); 8. Barradinha (povoado); 9. Serro Canelas (povoado); 10. Corta Ventos (povoado); 11. Saragoçal (povoado); 12. Branquinho (povoado); 13. Figueiral Velho (povoado); 14. Por-detrás-das-Vinhas (Horta de S. Francisco, povoado); 15. Areias (povoado); 16. Palmeirinha (povoado); 17. S. Pedro (povoado); 18. Gasga (povoado); 19. Poço Vezeiro 1 (estela-menir); 20. Poço Vezeiro 2 (menir); 21. Lameira (estela-menir); 22. Monte da Rocha (Quinta da Lameira, *tholos?*); 23. Vila Isabel (achado ocasional); 24. Quinta da Rocha (povoado); 25. Quinta do Morgado da Torre (hipogeus). Na cartela, o complexo habitacional e funerário de Alcalar, cartografado na fig. 3. Base cartográfica: CMP 1:25000, aqui reduzida (desenho: IPPAR-E/L. Guerreiro).

Est. III

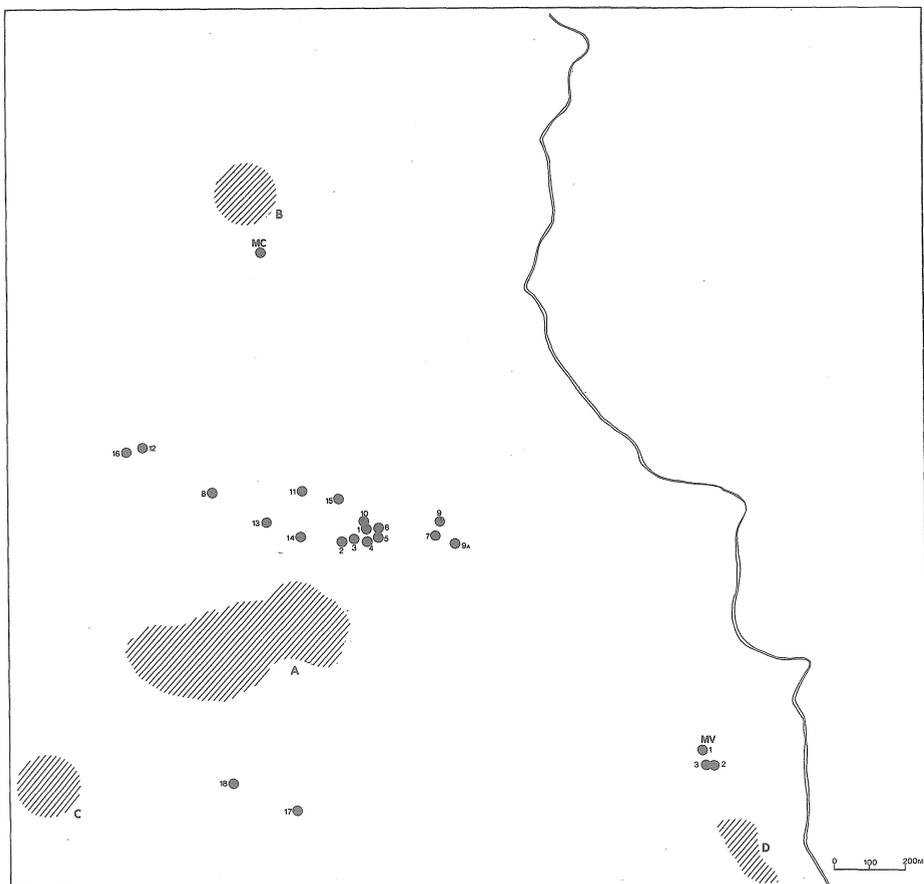


Fig. 3 — O complexo habitacional (trama) e funerário (pontos) de Alcalar, com o povoado central (A), os habitats periféricos de Monte Canelas (B), Poio (C) e Monte Velho (D) e os núcleos supulcrais; a numeração dos monumentos funerários segue a dos Leisner (1943 e 1959), com acrescimo das mamoas localizadas posteriormente; MC = Monte Canelas (hipogeu); MV = Monte Velho 1 a 3. Base cartográfica: levantamento cadastral na esc. 1:5000, aqui reduzida (desenho: IPPAR-E/L. Guerreiro).

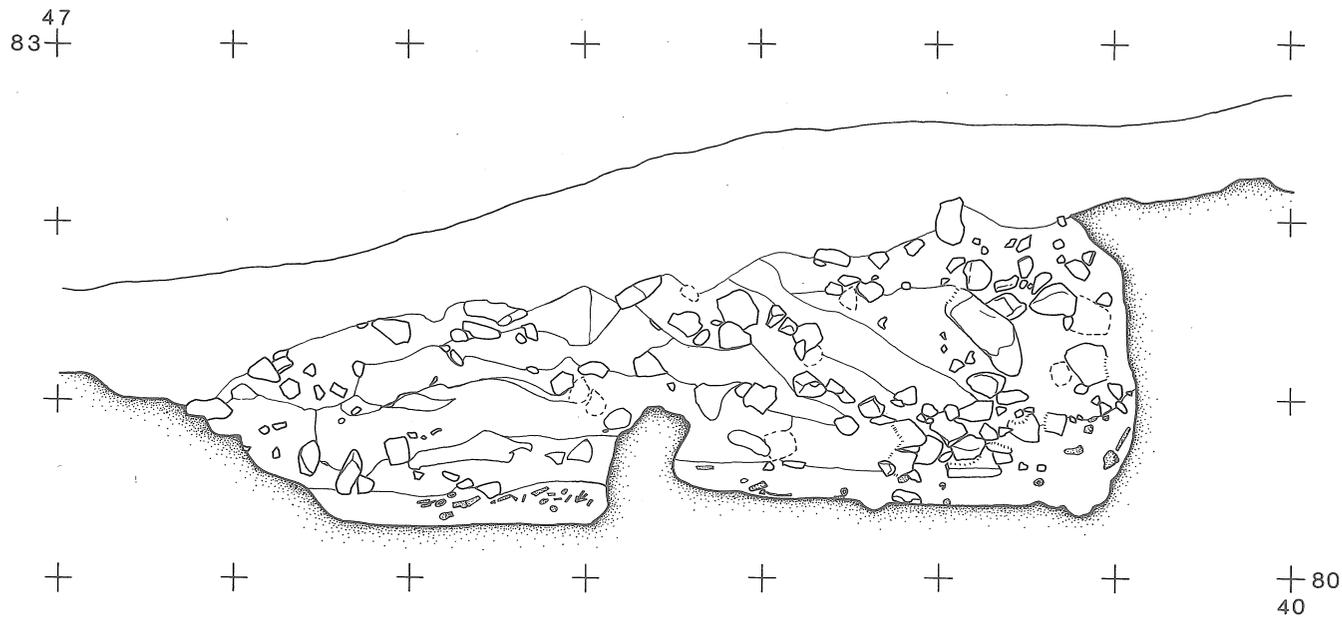


Fig. 4 — Monte Canelas. Perfil no talude do caminho, mostrando a sedimentação no interior e sobre as duas criptas do hipogeu (desenho: IPPAR-E/L. Guerreiro, sobre original de campo de R. Parreira/M. Gordilho).



Fig. 5 — Monte Canelas. Decapagem no nível de base do hipogeu (desenho: IPPAR-E/
L. Guerreiro, sobre original de campo de R. Parreira).

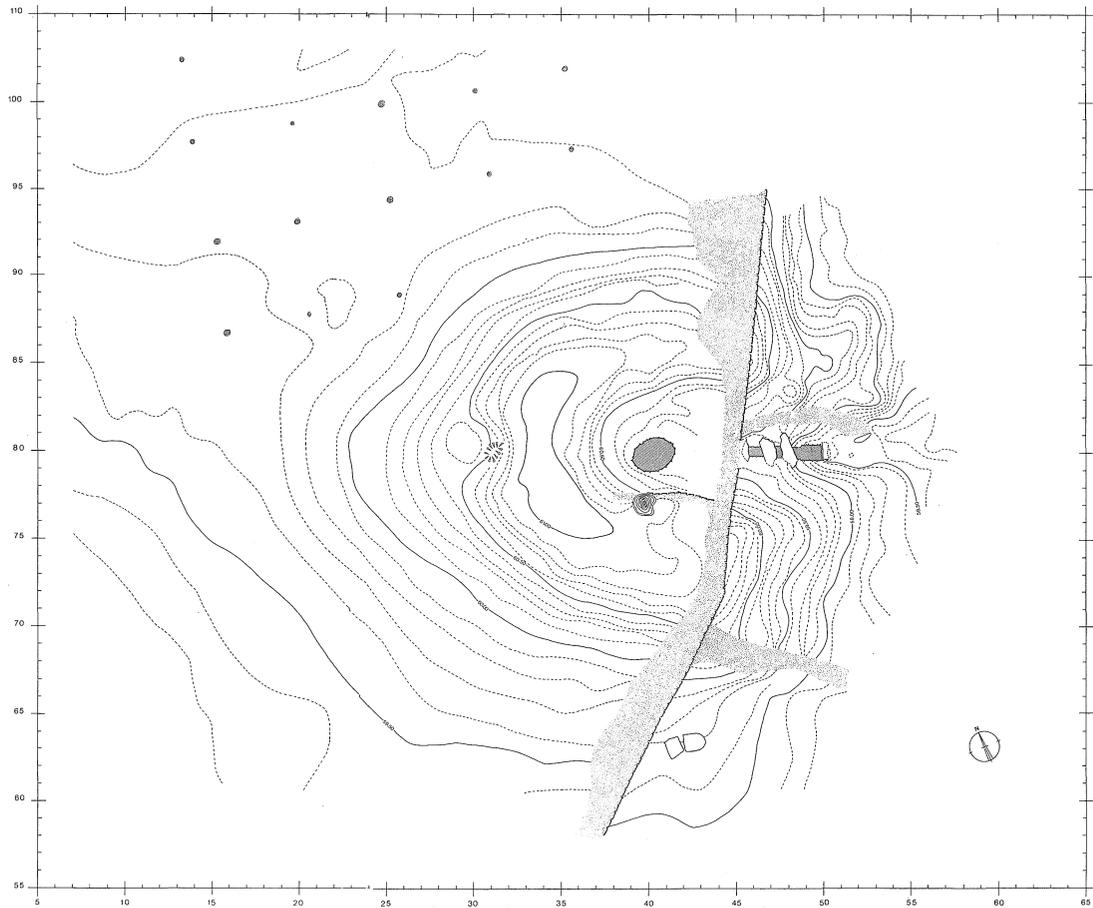


Fig. 6 — Alcar 7. Planta altimétrica da mamoa e do terreno envolvente (desenho: IPPAR-E/C. Páscoa, sobre original de campo de M. Ribeiro).

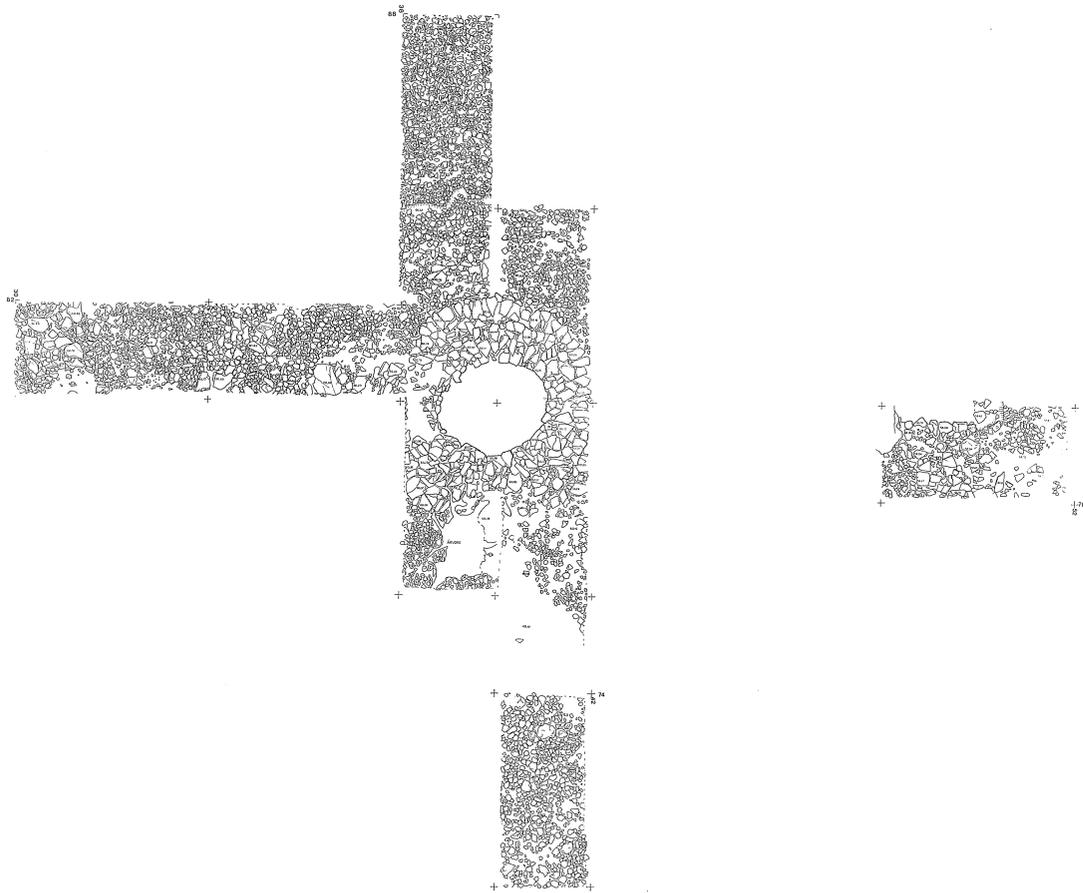


Fig. 7 — Alcázar 7. Planimetria da estrutura arquitectónica após decapagem do estrato superficial (desenho: IPPAR-E/L. Guerreiro, sobre original de campo de R. Parreira/V. Correia/U. Seidel/C. Calais).

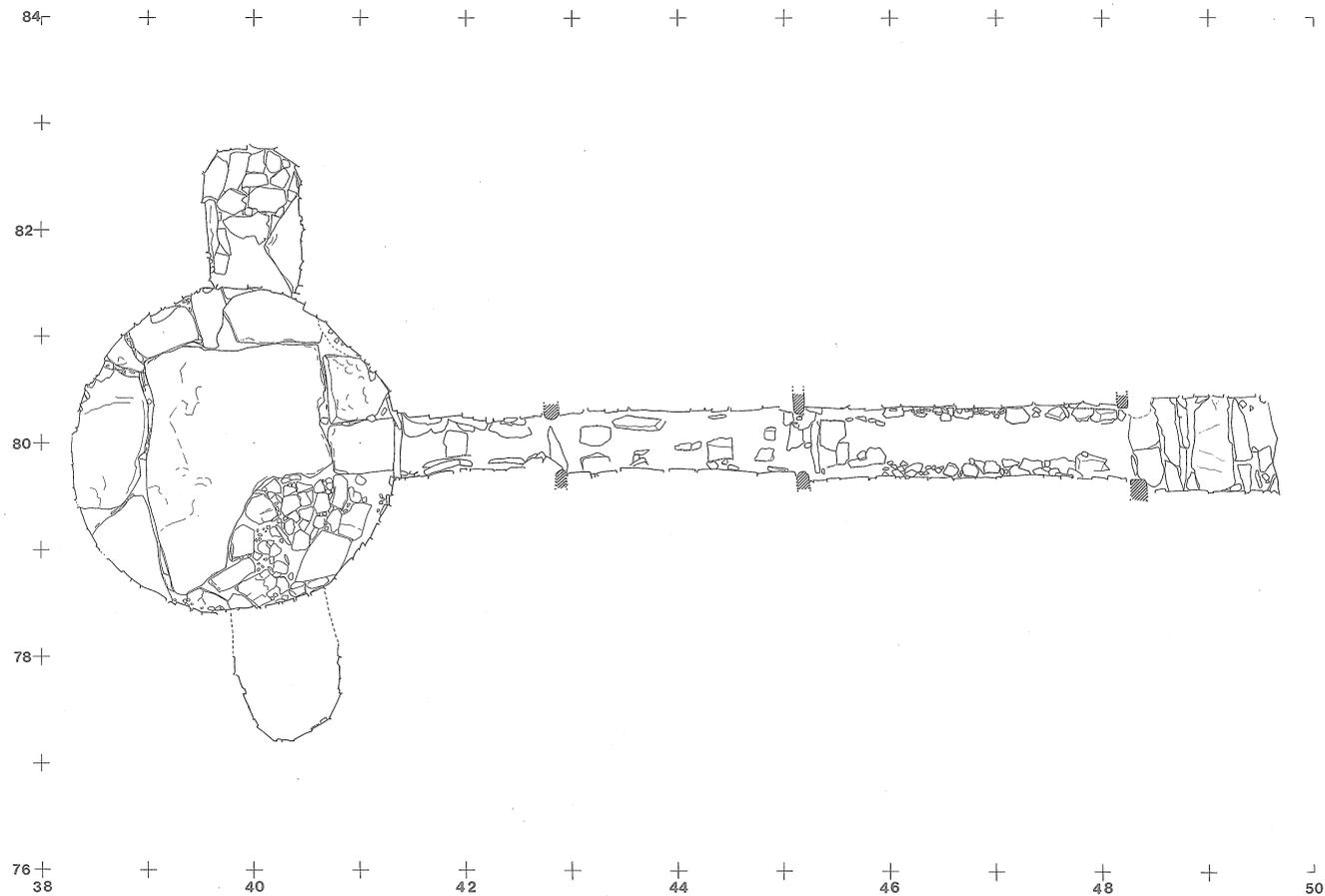


Fig. 9 — Alcazar 7. Planimetria da estrutura arquitectónica pela base da cripta, nichos laterais e corredor (desenho: IPPAR-E/L. Guerreiro, sobre original de campo de R. Parreira).